



***ENEGRECENDO - A POTENCIALIDADE DE IMAGENS NEGRAS
POSITIVADAS NA SÉRIE SEX EDUCATION (2019)***

***ENEGRECIENDO - LA POTENCIALIDAD LA POTENCIALIDAD DE LAS
IMÁGENES NEGRAS POSITIVAS EN LA SEX EDUCATION (2019)***

***BLACKENING - THE POTENTIALITY OF POSITIVE BLACK FIGURES
IN THE SEX EDUCATION SERIES (2019)***

*Andrey Gabriel Souza da Cruz*¹

*João Paulo Baliscei*²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é debater sobre representações de negritude na cultura visual contemporânea em articulação com espaços escolares. Para tanto, tomamos como referencial e objeto de análise as visualidades oportunizadas a partir do personagem Eric Effiong, da série *Sex Education* (2019), primeira temporada, produzida e distribuída pela plataforma de *streaming Netflix*. Apresentamos e contrapomos os estigmas que permeiam essa identidade racial e, por meio de Eric, analisamos a vivência do personagem em espaço escolar e a potencialidade de sua representação midiática em uma série popular entre jovens e adolescentes. No que tange à estrutura, inicialmente discutimos racialidade com estudos étnico-raciais, caminhando, após, para as formas de se ler imagens junto aos Estudos da Cultura Visual e com aporte metodológico do conjunto de procedimentos analíticos denominado PROVOQUE (BALISCEI, 2020); para, por fim, discutir e apresentar uma cena da série, a qual, consideramos, expressar significativo apreço à negritude.

PALAVRAS-CHAVE: Negritude. Cultura Visual. Imagem. Estereótipo.

RESUMEN

El objetivo es debatir sobre representaciones de negritud en la cultura visual contemporánea en articulación con espacios escolares. Para tanto, tomamos como referencial y objeto de análisis las visualidades proporcionadas desde el personaje Eric Effiong, de la serie *Sex Education* (2019), primera temporada, producida y distribuida

¹ Universidade Estadual de Maringá – UEM. Licenciado em História. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI – andrey_gabriel.sdc@hotmail.com.

² Universidade Estadual de Maringá – UEM. Doutor em Educação. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI - jpbaliscei@uem.br.

por la plataforma de streaming Netflix. Presentamos y contraponemos los estigmas que atraviesan esa identidad racial y, mediante Eric, analizamos la vivencia del personaje en espacio escolar y la potencialidad de su representación mediática en una serie popular entre jóvenes y adolescentes. Con respecto a la estructura, inicialmente discutimos racialidad con estudios étnico-raciales, caminando, luego, hacia las formas de leerse imágenes junto a los Estudios de la Cultura Visual y con aporte metodológico del conjunto de procedimientos analíticos denominado PROVOQUE; para, finalmente, discutir y presentar una escena de la serie, la que, consideramos, expresa significativo aprecio a la negritud.

PALABRAS-CLAVE: Negrura. Cultura visual. Imagen. Estereotipo.

ABSTRACT

The aim of this paper is to debate about representations of blackness in contemporary visual culture along with school spaces. Therefore, we take as a reference and object of analysis the visualities created by the character Eric Effiong, from the Sex Education series (2019), first season, produced and distributed by Netflix streaming service. We present and counteract the stigmas that permeate this racial identity and, through Eric, we analyze the character's experience in a school space and the potential of his media representation in a popular series among young people and teenagers. Related to the structure, we initially discussed raciality with ethnic-racial studies, moving towards ways of reading images with the Visual Culture Studies and with the methodological contribution of the set of analytical procedures called PROVOQUE; to, finally, discuss and present a scene from the series which we consider to express a significant appreciation to blackness.

KEYWORDS: Blackness. Visual Culture. Image; Stereotype.

Raça: negritude – por meio do que descubro quem sou?

A partir do momento que passamos a nos preocupar com a composição e construção dos indivíduos, observamos como as identidades se estruturam em uma grande complexidade de características e vias que se embricam a ponto de, em determinada cultura, elevarem ou descreditarem os seres. Este artigo tem por objetivo debater sobre representações de negritude na cultura visual contemporânea em articulação com espaços escolares. A negritude e as vivências de pessoas negras, quando analisadas, muito evidenciam como o marcador se tornou uma das características constitutivas dos indivíduos que, infelizmente, quase de modo universal, desemboca em experiências existenciais imersas em pesares e negatividade, haja vista os estigmas que a população negra carrega nas mais diversas culturas, com especificidades e ênfase nas culturas ocidentais. Usando do personagem Eric Effiong da série *Sex Education* (2019-2021), analisamos como são as relações cotidianas que um estudante negro vivencia no ambiente escolar, buscando verificar se a existência

dissidente do personagem, no que diz respeito à raça e outros marcadores, pode positivar as apresentações de pessoas negras. A série, da qual elegemos o objeto de análise, o coadjuvante Eric Effiong, trata-se de uma produção original da empresa *Netflix*, que atualmente se configura em três temporadas, sendo a mais recente delas, lançada no segundo semestre de 2021. Em nosso artigo, focamos apenas na primeira temporada da produção sendo, este estudo, um desdobramento de pesquisa realizada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC (CRUZ, BALISCEI, 2021)³, a qual fora parcialmente publicada em um outro artigo de nossa autoria (CRUZ, BALISCEI, 2020). *Sex Education* (2019-2021) é criação da escritora de peças de teatro Laurie Nunn (1985--) e em síntese, apresenta narrativas que se passam na Inglaterra contemporânea, envolta do protagonista Otis Milburn, personagem branco interpretado por Asa Butterfield (1997--). A série é composta por inúmeras questões que dizem respeito à sexualidade, sexo e aos conflitos que circundam jovens e adultos/as na área, expondo não apenas as vivências do protagonista, mas dando visibilidade aos mais distintos casos que envolvem o sexo como tabu. Nesse contexto encontramos o personagem escolhido como objeto de estudo: Eric Effiong, quem, no enredo, é mostrado como o melhor amigo do protagonista. Eric, personagem vivido pelo ator Ncuti Gatwa (1992--), é retratado como um adolescente negro e *gay*, que naturaliza as questões ligadas à sua (homos)sexualidade e constantemente aconselha Otis na sua descoberta sexual. Em outro estudo realizado por nós (CRUZ; BALISCEI, 2020), dedicamo-nos a analisar esse mesmo personagem, enfatizando as dissidências a partir das quais sua sexualidade homossexual opera. Neste artigo, por sua vez, nosso interesse se dá, especificamente, às questões étnico-raciais.

Dada a apresentação do personagem analisado por nós, relatamos, brevemente, como ele reúne um emaranhado de marcadores sociais, e a esse enlace de características identitárias e suas implicações na vida das pessoas, relacionamos ao conceito de Interseccionalidade, criado pela feminista afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw (1959--). Assim, para a organização desse artigo, de início debatemos sobre interseccionalidade e negritude e, posteriormente, de modo sucinto, apresentamos a metodologia por nós utilizada. Por fim, realizamos análises de um recorte de cena ao

³ O PIBIC em questão fora elaborado com o incentivo a pesquisa com bolsa do CNPq, processo nº 1899/2020, cujo título é: Ser homem negro: Representações e performances de masculinidade e negritude na série *Sex Education* (2019).

qual taxamos pertinentes quanto à valorização da negritude que o personagem selecionado carrega e evidencia.

Segundo Kimberlé Crenshaw (2002), nossas relações e interações são permeadas por subordinações. Ao passo que as identidades se consolidam em hierarquias, observamos lugares sociais de maior detenção e obtenção de poder econômico, social, político e afins. Para a autora “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (CRENSHAW, 2002, p 177). Assim, pontua-se indivíduos que se encontram imersos em mais de uma forma de subalternidade. A partir desse conceito, entendemos, portanto, que indivíduos que carregam mais do que um marcador social inferiorizado em determinada cultura têm de lidar com atravessamentos de mais lados, tendo que enfrentar opressões de diversos âmbitos.

Enfaticamente, Crenshaw (2002) se preocupa em dialogar sobre as interferências entre raça e sexualidade, e como em muitos casos, mulheres não brancas, têm suas vivências e problemáticas diárias rejeitadas nos grupos as quais se veriam pertencentes. Quando a opressão toca além das condições e implicações de gênero, e se respalda também em suas racialidades, por vezes, suas mazelas não são vistas como pautas relevantes para discussões e mobilizações de suas companheiras de luta quanto a gênero, e em outros casos, quando observam o agravamento do racismo que sofrem por suas condições quanto a gênero, contemplam companheiros étnico-raciais negligenciando também suas demandas, ainda mais quando observa-se o racismo visto e pensado a partir do sofrer masculino.

Segundo a pesquisadora brasileira Carla Akotirene (2019), pensar em interseccionalidade expande a visão que temos sobre opressões sociais, que segundo a pesquisadora, compartilham de uma mesma matriz colonial moderna, que embrica as identidades para se fazer valer em eficácia à opressão. Contudo, as opressões que atingem as identidades, embora venham de uma mesma matriz, articulam-se em inúmeros eixos que atuam de modos incisivos sobre tudo que for visto como outro/divergente à norma. Deste modo, concordamos com Akotirene (2019, p.19) quando afirma que “A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”.

O escritor inglês-congolês JJ Bola (2020) enfatiza como é válido uma busca pela compreensão das identidades em toda sua complexidade e em todo cruzamento interseccional, vendo como um indivíduo não carrega apenas um marcador social, mas sim, diversos que o compõe. Consequentemente, há de se denotar como todos esses elementos identitários geram efeito e implicações diretas no modo como a sociedade há de tratar os seres. Torna-se necessário problematizar as condições que nos encontramos, os traços identitários e característicos que nos assegurarão (ou não) privilégios, além de denotar quais marcadores sobre nós darão liberdade e até mesmo posto de opressor. Como ressalta o escritor, “[...] partes das nossas identidades se sobrepõem, algumas nos dando vantagens ou privilégios, enquanto outras partes nos oprimem e formam obstáculos ou barreiras variadas” (BOLA, 2020, p. 109).

A temática racial, de modo geral, ressalta uma problemática gritante em nosso social: o fato de a racialidade ser sempre mais facilmente associada a corpos não brancos - como se a branquitude, em seu local de dominação e norma, não fosse constituída e firmada em raça. Os pilares racistas que se encontram firmados em basicamente todo o globo trabalham com grandes noções raciais. A supremacia branca que despreza e minimiza todas e todos não brancos sabe bem articular sobre raça, embora, no cotidiano, isso seja camuflado e “ausente” da compreensão de pessoas brancas. A brasileira Djamila Ribeiro (2019, p. 31) expressa que “Pessoas brancas não costumam pensar sobre o que significa pertencer a esse grupo [a branquitude], pois o debate racial é sempre focado na negritude”

Aqui, de fato, nosso interesse é voltado para a negritude e para a problemática do reconhecimento racial que toca indivíduos não brancos. Enquanto pessoas brancas por vezes reconhecem sua racialidade/branquitude (quando e se reconhecem) por intermédio de características positivas e felizes, pela comprovação de privilégios e vantagens sociais que existem em detrimento de outros grupos raciais, pessoas negras reconhecem sua negritude quase que em uníssono por marcas cruéis de opressões e desvalorização de seus traços físicos, estéticos e culturais. As diferenças que atravessam os processos de reconhecimento étnico-raciais entre pessoas brancas e pessoas negras ficam evidentes quando Ribeiro (2019, p.24) comunica a fala de Joice Berth: “Não me descobri negra, fui obrigada a sê-la.” Quando “obrigadas” a serem negras, muitas pessoas passam de modo compulsório a carregar e a lidar constantemente com um olhar supremacista branco que descredita tudo que é classificado como “outro”.

Pessoas brancas, por exemplo, devem questionar por que em um restaurante, muitas vezes as únicas pessoas negras presentes estão servindo mesas, ou se já foram consideradas suspeitas pela polícia por causa de sua cor. Trata-se de refutar a ideia de um sujeito universal – a branquitude também é um traço identitário, porém marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos. (RIBEIRO, 2019, p.33)

Segundo a afro-estadunidense bell hooks (2019), em muitos casos, tratar sobre negritude evoca o auto-ódio que pessoas negras podem ter sobre si, e pouco se enfoca sobre a possibilidade de negritude. Pouco se pensa, conforme a autora, sobre o apreço à negritude como uma postura política declarada, visto que em uma sociedade supremacista branca, a constituição imagética e imaginária da negritude alimenta o medo e o ódio da branquitude. “Em um contexto supremacista branco ‘amar a negritude’ raramente é uma postura política refletida no dia a dia, quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora” (HOOKS, 2019, 47).

Ainda que pensar em negritude remeta à conquista e ao reconhecimento de uma ancestralidade africana culturalmente rica e vibrante, também nos obriga a olhar para o limbo triste e opressivo que atrela a negritude à dor, uma vez que é isso que a sociedade mais deposita e gera sobre esses corpos.

A cultura negra de resistência que surgiu no contexto do apartheid e da segregação foi um dos poucos lugares que abriu espaço para o tipo de descolonização que torna possível o amor pela negritude. A integração racial, em um contexto social em que os sistemas da supremacia branca estão intactos, solapa os espaços marginais de resistência ao divulgar a premissa de que a igualdade social pode ser obtida sem mudanças de atitude culturais em relação à negritude e às pessoas (HOOKS, 2019, 47).

Embora pensar em negritude nos permita, sim, nos afastar da branquitude, torna-se válido contemplar a constituição de uma identidade, na luta constante do romper das crenças supremacistas e nos privilégios da outra, visto que podemos evidenciar as interconexões sociais em que estamos imersos.

Muitas pessoas brancas atuantes na luta antirracista hoje conseguem reconhecer que todos os brancos (assim como todos dentro de uma cultura supremacista branca) aprenderam a supervalorizar a “branquitude”, assim como aprenderam a desvalorizar a negritude (HOOKS, 2019, 50).

Assim, a negritude não é apenas experimentada, sentida e idealizada por indivíduos negros, mas apresenta-se imersa em inúmeros estereótipos construídos pela branquitude, a qual busca, em pessoas pretas, reflexos que correspondam em fidedignidade aos padrões limitantes que fixaram. Bola (2020, p. 115) afirma que “[...] aos homens negros, é sempre reservada uma associação estereotípica de ‘mano’, ‘da quebrada’ ou de bandido, uma figura relacionada às drogas e ao crime”. Embora essas sejam posições temidas socialmente, são, ao mesmo tempo, lugares limitados endereçados aos corpos negros e masculinos. Portanto, ocupar esses espaços não ocasionaria estranheza à sociedade supremacista branca.

Semelhantemente, o brasileiro Silvio de Almeida (2019) indaga sobre como postos sociais fixos estimulam um olhar de estranhamento perante situações que parecem fugir da “normalidade”. Ao mesmo tempo que se fixam pessoas negras em subalternidade constante, fixam-se corpos brancos em lugares de poder e domínio. Conseqüentemente, deparar-se com corpos distintos em posições que não lhes foram designadas pela construção histórico-cultural e estabelecidas no imaginário coletivo permeado pelo racismo causa espanto. Almeida (2019, p. 63) ainda questiona: “Por que nos causa a impressão de que as coisas estão 'fora do lugar' ou 'invertidas' quando avistamos um morador de rua branco, loiro e de olhos azuis ou nos deparamos com um médico negro?”. Diante dessa pergunta, lembramo-nos de dois casos brasileiros, relativamente contemporâneos, em que, nas redes sociais, polemizaram-se os espaços sociais pouco convencionais que um corpo negro e um outro, branco, ocuparam em suas existências. O homem branco (figura 1/a), Rafael Nunes (1980--), viralizado como “Mendigo gato”, ganhou destaque na *web* em 2012 após ter uma foto publicada na internet. Ele, no momento da foto, encontrava-se em situação de vulnerabilidade de rua e rendeu mais de 64 mil compartilhamentos. Já o homem negro (figura 1/b), Fred Nicácio (1987--), médico e influenciador digital, ganhou notoriedade em 2018, após uma foto viralizada na *web* com uma paciente negra de 74 anos que dizia positivamente surpresa por ter sido atendida por um médico negro pela primeira vez em sua vida.

FIGURA 1: Composta por 2 fotografias (A e B). “A” créditos a Indy Zanardo.



Fonte:(A)<<https://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/mendigo-gato-comemora-chegada-de-filha-cacula-seis-anos-apos-fama-06102019>> (B)<<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/12/pessoas-continuam-se-surpreendendo-com-um-medico-negro-diz-fred-nicacio.htm>>

Embora negritude não seja o fixar desses estereótipos, não há como negar que esse imaginário branco racista interfere diretamente na autopercepção de pessoas negras, que passam a se entender como tais mais pelas mazelas que sofrem do que pelas heranças culturais que carregam. E uma vez que o indivíduo compreende aspectos de sua raça a partir de diretrizes racistas, a sociedade faz questão de jamais deixá-lo esquecer dos lugares que pode ou não pode ocupar. Entretanto, pensar em negritude é pensar em tudo que constitui identitariamente indivíduos negros, em uma pluralidade de expressões que também não se restringe ou se apresenta de um modo único. O reconhecimento da negritude caminha por inúmeros tons de peles negras, por características culturais, artísticas, estéticas e religiosas, e por afetos, conexões interpessoais, crenças e outras manifestações da consciência negra.

As relações cotidianas evidenciam novamente o caráter dúbio, incoerente e hipócrita de uma sociedade que em sua estrutura se consolida a partir de mentalidade racista, todavia, constantemente se aparta de discussões raciais com os vemos em afirmativas rasas e “frases prontas” quanto à “igualdade” e a uma suposta visão de “neutralidade” no que tange à humanidade dos seres e à não distinção deles por cor/raça. Para nós, não é possível confrontar a estrutura racista sem a percepção e denúncia dos modos como os corpos são distintamente racializados. Logo, falácias como “somos todos iguais”, “para mim não existe cor” e “somos todos pertencentes à raça humana” suavizam as consequências do racismo ao desconsiderarem que, histórica e contemporaneamente, pessoas negras têm sido abordadas de modos distintos das pessoas brancas, em âmbitos diversos, tais como os políticos, religiosos, trabalhistas, escolares, afetivos, econômicos e culturais. Por trás de expressões como essas, naturalizam-se as mortes e o apagamento da população negra, assim como não propõem alternativas e tampouco explicações outras para os números estatísticos que apresentam um aumento de 11,5% na taxa de homicídios para a população negra segundo o Atlas da violência de 2020 (IPEA, 2020).

Essas são expressões, muitas vezes, utilizadas por parte da população que assiste passivamente ao fuzilamento do carro de uma família negra com 80 tiros⁴; ao assassinato de um adolescente negro dentro de casa⁵; e às ofensas que marcas reconhecidas ainda dirigem contra às estéticas negras⁶. Os corpos alvos e selecionados para a morte e para a discriminação, como demonstram os casos supracitados e os dados, são bem definidos e facilmente reconhecidos quanto a sua racialidade. Julio Jacobo Waiselfisz (2016), analisando mortes e homicídios por arma de fogo no território nacional por meio do “Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo.” – versão corrigida 26/08/2015 -, e evidenciando raça - ainda que de modo precário, por uma relativa escassez de dados - expõe como, de 2003 para 2014, o homicídio com vítimas brancas caiu cerca de 26,1%. Os dados estatísticos de vítimas negras no mesmo recorte de tempo, contrariamente, aumentaram 46,9%. Esses dados se harmonizam com aquilo que propõe

⁴Notícia em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/07/homem-morre-apos-carro-ser-atingido-em-acao-do-exercito-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>>. Acesso 17 de set. de 2020.

⁵Notícia em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/25/joao-pedro-mandou-mensagem-para-mae-momentos-antes-de-ser-baleado-estou-dentro-de-casa-calma.ghtml>>. Acesso 04 de set. de 2020.

⁶Notícia em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2020/06/18/bombriil-retira-krespinha-do-mercado-acusacoes-de-racismo-fazem-marcas-reformularem-ou-descontinuarem-produtos.ghtml>>. Acesso em 1º de out. de 2020.

Almeida (2019, p.115), quando argumenta que a sociedade divide os sujeitos em grupos, conferindo-lhes oportunidades e destinos desiguais.

O racismo estabelecerá a linha divisória entre os superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, entre os que terão a vida prolongada e os que serão deixados para a morte. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte política, a expulsão e a rejeição.

A partir da ideia de interseccionalidade, podemos acrescentar como todos os outros marcadores sociais que são inferiorizados em nossa cultura intensificam os riscos e as vulnerabilidades que alguns corpos lidam. Por exemplo, a brasileira Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), travesti preta, descreve, em sua tese de doutorado, parte das suas experiências de infância, quando, ainda, era reconhecida como um sujeito masculino, cisgênero e afeminado, sublinhando a vulnerabilidade desses marcadores. Os marcadores que ela carregava fizeram com que Oliveira (2017) adotasse “estratégias de sobrevivência”, isto é, medidas usadas por ela como meios de tentar fugir e se ausentar ao máximo das associações negativas que se tinham e ainda se têm sobre corpos negros, nomeados como masculinos e que performam-se de modos afeminados.

[...] tornei-me uma pessoa ainda mais introspectiva e tive certeza de que teria trânsito limitado na sociedade e que a única possibilidade de conquistar algum respeito seria adotando em público uma postura nos moldes da norma cis heterossexual. No entanto, essa era apenas uma estratégia de sobrevivência e não um ajustamento [...] (OLIVEIRA, 2017, p. 26).

A consistência do discurso de afastamento das discussões raciais perdura e segue beneficiando apenas aqueles/as que, em uma sociedade racista, têm, na pele, maiores garantias de acesso à segurança e à simples existência. Ironicamente, ninguém “vê cores” até precisar atirar, justificar mortes, discriminações ou gritar sobre o outro. O poema da peruana Victoria Santa Cruz (1922-2014), *Me Gritaron Negra* (1960), nos apresenta esta realidade, assim como o caso do jogador Webó, já mencionado.

*Tinha sete anos apenas,
apenas sete anos,
Que sete anos!
Não chegava nem a cinco!
De repente umas vozes na rua
me gritaram Negra!*

Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!
“Por acaso sou negra?” – me disse
SIM!
“Que coisa é ser negra?”
Negra!
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.
Negra!
(Victória Santa Cruz, Me Gritaron Negra, 1960)

A discussão quanto à percepção racial que, como discutimos, pode ser interpelada por muitas dores, também é atravessada por outra questão que, por vezes, dificulta o autorreconhecimento da negritude, além de ser utilizada como um “braço” da atuação racista em muitos casos: o colorismo. Muitas pessoas negras no Brasil compartilham da dificuldade de se compreenderem racialmente, e aqui observamos a atuação do colorismo que pressupõe a ideia de que quanto mais retintos os indivíduos forem, menos acessos, direitos e “privilégios” terão. Em contrapartida, os menos retintos obterão maiores possibilidades de acessos aos direitos por uma suposta “proximidade” às visualidades da branquitude. Consequentemente, inúmeras pessoas negras de pele clara e com menos traços negroides não se entendem como negras, e em alguns momentos são embranquecidas em suas relações ou por seus postos econômicos.

O conceito do colorismo, segundo a pesquisadora brasileira Alessandra Devusky (2019)⁷, torna-se mais um mecanismo racista, uma vez que constantemente divide os/as iguais (negros/as em toda diversidade de tons de pele e traços físicos que existem), dificultando a autopercepção do que se é racialmente. Vê-se, ainda, uma tentativa de se criar uma imagem homogênea do que é ser negro/a. E isso, consequentemente, desencarreta exclusão daqueles/as que não correspondem em total conformidade aos fenótipos negroides, sob uma lógica estereotipada, com ênfase na pele retinta.

Não é incomum escutar e colher relatos de negros/as de pele mais clara e com menos traços tidos como negroides que outras pessoas não os consideram “tão negros assim”. Constantemente, tal afirmação parte de pessoas brancas com a intenção de “embranquecer” esses sujeitos, como se o reconhecimento quanto à negritude fosse algo a ser negado e temido. Nesse caso, fazendo relação com o poema de Victoria Santa Cruz, podemos dizer que “gritaram-lhe brancos/as”, como estratégia nociva de “embranquecimento”. Nitidamente caráter de uma visão supremacista branca e de um culto à ideia de branqueamento da população com o mito de “melhora” da sociedade, o

⁷ Temos como referência, uma *live* realizada juntamente com Djamila Ribeiro, disponibilizada no canal Feminismos Plurais. Em: <https://youtu.be/4_u2mRK0Rr0> . Acesso em: 10 de Jun de 2020.

colorismo oferece, assim, evidências de uma sociedade ancorada no racismo para se estruturar. A ideia perpassada pela pintura *A redenção de Cam* (1895) do artista espanhol Modesto Brocos (1852-1936), que aborda o branqueamento geracional e a valorização da possibilidade de alcançar a perfeição embranquecendo-se por meio da miscigenação, impera ainda na atualidade. Talvez esteja imersa em sutileza e mascarada, mas ainda se cultua a ideia de “ser branco/a” – como podemos ver nas atuações governamentais de embranquecimento no passado, e no atual descaso quanto ao genocídio da população negra.

Somado a todas as mazelas já supracitadas, o fator racial pode ser visto e entendido também como um passe de permissividade para opressão. As estéticas negras e as características físicas não são homogêneas, mas sim, plurais. Entretanto, alguns traços ocupam destaque no coletivo visual, acarretando maiores níveis de opressão, como a pele retinta e os cabelos em texturas e curvaturas cacheadas e crespas, os quais, por vezes, são lidos como “passe livre” para inconveniências, como expressa a pesquisadora portuguesa Grada Kilomba (2019, p.121), ao afirmar que “A diferença é usada como uma marca para a invasão”.

Ocupar o posto de diferente é também ocupar o imaginário de “corpo público”, ao qual todos/as têm “acesso” e “permissão” e, neste caso, o corpo negro, por ser público, tem a função de sanar dúvidas e curiosidades alheias que não passam de pre-noções estereotipadas e estigmatizadas, em suma, racistas. Assim, tocam-nos os cabelos e nos perguntam aleatoriedades estúpidas quanto à nossa higiene, como expressa Kilomba (2019, p. 124) quando se questiona “Como alguém ousa fazer tais perguntas para uma mulher, para uma mulher negra adulta, se ela lava [o cabelo]? O que tem na cabeça dessas pessoas? Eu não sei... Bom, eu sei, mas nem quero pensar nisso!”. Ao exemplo da autora, acrescentamos que nos lançam questões relacionadas à anatomia de nossa genitália e a nossa performance sexual, esperando de corpos de pessoas negras um “sexo quente” e “mais satisfatório”, pênis sobressalientes e outras expectativas fruto de uma visão que nos animaliza. Além de nos cobrarem habilidades esportivas e artísticas que, embora possam aparentar uma forma de enaltecer referenciais negras e negros da história, por vezes, harmoniza-se com a ideia de que, a nós, cabe o entretenimento.

A leitura social com que um “corpo público” lida perpassa as mais diversas invasões e questionamentos infundáveis, pautados por visões estereotipadas sobre

nossas existências. Há indignação decorrente das vezes em que me fora indagado⁸ quanto a minha percepção do clima e calor; aos questionamentos que indagavam se eu sentiria mais calor do que pessoas brancas, visto que a física nos ensina que a cor preta absorve toda luz que o atinge transformando em calor e conseqüentemente, deixando tudo mais quente. Recordo-me dos questionamentos quanto a minha ancestralidade. Enquanto colegas diziam sobre suas origens familiares, seus laços italianos, português e afins, a mim restava a mínima compreensão da minha ancestralidade continental – africana -, e não uma especificidade geográfica de um país.

É válido reforçar que o reconhecimento da negritude comporta também muita positividade, como expressa a cantora carioca Elza Soares (1937) junto com Rebecca Alves (1998), artisticamente nomeada como Mc Rebecca, na música *A coisa tá preta* (2020), mais precisamente no verso “Quem não sabe de onde veio, não sabe pra onde vai”. Saber então as origens do que nos constitui, consolida nossa percepção de onde podemos chegar, além de firmar nossa autoestima e apreço. “Nós sempre fomos maravilhosos. Eu nos vejo refletidos nas coisas mais sublimes do mundo. O negro é rei. Éramos beleza antes que soubessem o que era beleza.”⁹ (nossa tradução), narra a estadunidense Beyoncé Knowles (1981--), recordista de Grammy’s em seu álbum visual e filme musical *Black is King* (2020), especificamente antes de cantar a beleza das mulheres negras e suas peles escuras e diversas.

Pensar no reconhecimento racial não deveria ser uma atividade imersa em dores, entretanto, a autopercepção quanto à negritude está envolta de significativa crueldade. Denotar-se negro/a inclui tomar consciência sobre como intervenções racistas e supremacistas corroboraram o declínio de uma experiência única de se compreender racialmente. Entre as descobertas dos nossos corpos pretos, políticos e belos em toda variedade de cores e texturas de cabelos, descobrimos e provamos (muitas vezes antes disso) dados estatísticos que evidenciam nossos lugares na base econômica e como peças descartáveis no viver. Ainda que tenhamos enfatizado como a racialidade quanto à negritude perpassa por um campo repleto de mazelas e nos direciona a descobrir quem e o que somos a partir de pesares, a possibilidade de compreender-se racialmente e

⁸ O uso do singular nas preposições desse parágrafo, revelam a fala direta e imersa em personalidade de apenas um dos autores desse artigo, sendo relatos de Andrey Gabriel Souza da Cruz, um homem cis negro de pele retinta, que experenciou tais questionamentos e atravessamentos. É válido racializar também o autor, João Paulo Baliscei, que por sua vez, trata-se de um homem cis branco.

⁹ “We have always been wonderful. i see us reflected in the world’s most heavenly things. Black is king. We were beauty before they knew what beauty was”. Fala referente aos 48’37” – 49’01”. Disponível na plataforma de *Streaming Disney Plus*.

denotar suas origens está para além de dores. A visão Yorubá possibilita a compreensão da importância e o poder de se descobrir e aprender sobre origens. “O rio que esquece sua fonte, seca. O homem que nega suas origens não existe”, diz o presidente nigeriano Olúségun Akínrúli do Instituto de Arte e Cultura Yorubá.

Assim, compreender e aprender a distinguir a(s) identidade(s) que carregamos, os símbolos, significados e acessos sociais que estas(s) nos oportunizam é de grande relevância, não apenas no âmbito pessoal identitário, mas no coletivo, pois o entendimento identitário é capaz de propiciar o conhecimento sobre pautas e reivindicações que tangem a tais diversas existências. Deste modo, os Estudos Culturais, campo já supracitado em nossa pesquisa, aqui ganha novamente espaço, visto que amarram e aglutinam nossas preocupações com os campos das discussões raciais, de gênero e da cultura visual. Reforçando que a forma como vemos o mundo - o que vemos e os significados que damos para identidades, especificamente as negras e masculinas - perpassa pela compreensão cultural que portamos e pelos significados distintos que cada elemento carrega perante variantes geográficas, históricas e culturais.

A inegável participação da mídia para a constituição e atravessamentos que circundam a descoberta racial pode, então, ser imersa em negatividades ou positivities. Quando nos deparamos com Eric Effiong e suas vivências em espaços educativos, vemos possibilidades de analisar como corpos masculinos negros são representados em associação às escolas. A seguir, tendo um discernimento quanto às formas de ler as imagens, abordamos as visualidades que Eric nos oportuniza e a positividade que ele confere à negritude.

O que é visto também é lido

Entendemos que, para além da contemplação, o assistir fica imerso no sentir e no ensinar, aprendendo com aquilo que as produções dispersam no social. O que consumimos transcende o entretenimento e se torna pedagogia, ensinando-nos modos de agir, ver e pensar. Os Estudos Culturais e outros campos relacionados a ele, como os Estudos da Cultura Visual, das Masculinidades, as discussões étnico-raciais e de gênero, enxertam-nos constantemente de argumentações que nos impelem a uma não passividade perante as imagens que nos atingem e não apenas expressam o funcionamento do social como o transforma. A brasileira Luciana Gruppelli Loponte (2010, p. 153) acrescenta a essa apresentação teórica, quando explica que:

Uma das contribuições mais importantes trazidas pelo debate instituído pelos Estudos Culturais, Estudos da Cultura Visual e dos Estudos Feministas aos nossos modos de ver e interpretar imagens artísticas, é o quanto essas imagens não podem ser vistas simplesmente como “reflexo” ou “comunicação” do que acontece no mundo, elas estão continuamente, constantemente, produzindo significados para este mundo, tendo efeitos diretos em nossas práticas cotidianas e, mais especificamente, em como vivemos e percebemos nossas próprias identidades sexuais e de gênero.

Podemos acrescentar à citação de Loponte (2010), como essas imagens tangem também às percepções quanto a nossa racialidade e as daqueles/as que nos cercam. Assim, tendo em vista a potência pedagógica das imagens e as maneiras como, socialmente, têm se operado delas para produzir visualidades que favorecem grupos específicos ao passo que se marginalizam outros, os Estudos da Cultura Visual oferecem caminhos e procedimentos sobre como investigar imagens. O PROVOQUE, que colhe das discussões dos Estudos da Cultura Visual por exemplo, apresenta-se como um conjunto de preposições que orientam aquilo ao qual o brasileiro João Paulo Baliscei (2020) se refere como investigações visuais críticas e inventivas, possibilitando-nos um aprofundamento do olhar que transcende a mera contemplação. Dado isso, utilizar do PROVOQUE como metodologia de análise nos parece prudente e válido.

O conjunto analítico denominado pelo autor como Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos - PROVOQUE dá ênfase às indagações sobre a utilização de estereótipos nas produções visuais. O PROVOQUE se estrutura em cinco etapas - Flertando, Percebendo, Estranhando, Dialogando e Compartilhando - que se conectam e visam oportunizar uma análise visual que perceba a atuação dos mais diversos discursos que as reproduções comportam (BALISCEI, 2020). O flerte é estabelecido a partir dos interesses e subjetividades que nos aproximam do objeto de estudo, no caso, Eric Effiong, um jovem negro, *gay* e afeminado, que nos salta aos olhos pelas vivências positivas e negativas que acrescenta aos espaços escolares.

Eric, ao longo da série, oportuniza-nos visualidades um tanto quanto “atípicas” à estereotipa comumente conferida aos corpos masculinos negros, apresentando-se em diversos momentos com roupas vibrantes e destoantes dos demais homens da narrativa. Destacam-se também os adereços e tecnologias vestíveis, acessórios e elementos que

primordialmente são atrelados a corpos femininos. A figura 2, selecionada do sétimo episódio da primeira temporada, em sua narrativa, apresenta Eric e seu pai conversando sobre o quão “diferente” o adolescente era, se comparado aos demais.

FIGURA 2: Composta por 2 *Print Screens* (A e B)



Fonte: *Print Screens* do sétimo episódio da primeira temporada de *Sex Education* (2019), referente as minutas aproximadas entre 33'25'' e 35'00'', localizados na plataforma de *streaming Netflix*

Diante da cena, chamamos atenção para os trajes coloridos com estampas marcados por formas geométricas, e que fogem à sobriedade de ternos demais vestuários associados ao masculino, reconhecidos pela ausência de muitas informações visuais e pela tendência de ser monocromático. Destacam-se também o turbante amarrado à cabeça, a maquiagem, o salto alto em seus pés e o brinco na orelha, acessórios que não são convencionalmente atrelados a uma concepção hegemônica de masculino, e menos ainda às masculinidades negras. Entre os estranhamentos possíveis, destacamos a positividade atribuída ao personagem; um estranhamento não de repulsa ou discórdia, como aqueles manifestados por sujeitos que se opõem às novas representações, mas sim um estranhamento de surpresa, estando impressionados com os distanciamentos que a série faz de estereótipos comumente fixados sobre a negritude. A partir dos estudos de Almeida (2019) e Bola (2020), é possível dialogar sobre o modo como, para a sociedade racista e supremacista branca, às pessoas negras restariam a marginalização e os estigmas nas representações. *Sex Education* (2019), por vez, não se prende a tais formas de apresentações limitadas. Enquanto se esperam mais

agressividade, irracionalidade e uma performance social animalizada de indivíduos negros, especificamente de homens negros, o personagem Eric tangencia a tudo isso e é apresentado imerso em gentilezas, carisma e fragilidade, de modo a distanciar-se dos estereótipos que atrelam a negritude.

A presença de Eric na série, de fato, suscita inúmeras problemáticas e vivências, e a interseccionalidade dos marcadores que o personagem carrega não o deixa esquecer de quem ou do que ele é, e muito menos o possibilita passar despercebido no cotidiano escolar, como exemplificamos em outro estudo (CRUZ, BALISCEI, 2020). De um lado, se a não discussão explícita e ferrenha sobre racialidade e racismo pode ser vista como déficit da produção no recorte da primeira temporada da série, por outro, não podemos negar o quão desviante é a composição do personagem em relação aos estereótipos racistas e as representações tendenciosas que atrelam constantemente a negritude à agressividade, ao esporte e à pobreza. Eric não nos parece hipersexualizado; não é aproximado à criminalidade e/ou inferiorizado em relação aos/as personagens brancos. Longe disso, nos espaços em que aparece e ocupa, e especificamente na escola, sua presença, em muitos momentos, reflete um apreço e uma retomada de ancestralidade racial por intermédio de suas vestimentas.

A performance de masculinidade de Eric também pode ser relacionada diretamente a sua racialidade, pois, dos corpos negros masculinos se esperam padrões de performances de gênero e de sexualidade que, embora sejam desprivilegiados do patriarcado branco, como diria bell hooks (2019), ainda corroboram enganosamente com o estabelecimento de uma toxidade quanto à masculinidade, identidade que, por sua vez, é desviante no corpo negro, *gay* e afeminado de Eric.

Parece-nos, então, que as dissidências carregadas por Eric, além de atuarem de forma denunciativa na série, apresentando a vulnerabilidade que seu corpo negro, *gay* e afeminado suporta diariamente, corrobora com uma apresentação positiva e naturalizada daquilo que há de ser visto como “diferente” em sociedades onde o padrão se fixa em torno de homens brancos e heterossexuais. As possibilidades de amar Eric como artefato da cultura visual se deparam com a possibilidade de encontrar partes do personagem em nós, público, e nos orgulharmos daquilo que nos compõe, independentemente de qual seja a parte dissidente que temos em comum com o personagem. Assim como essa identificação altera e causa ruptura nas formas como observamos indivíduos como Eric em nosso cotidiano. A potencialidade das imagens

em educar e naturalizar formas de existir atua com a naturalização do corpo de Eric e na diversidade que ele positiviza.

Considerações finais

Visto que tratar de negritude está, infelizmente, bem engendrado a apresentar pesares e sofreres, quando nos deparamos com as formas de representações de Eric Effiong e passamos a ver certo apreço e amor à negritude, contemplamos as possibilidades de reconhecimento e apresentação positivada que a produção seriada pode desembocar no público de pessoas negras. Esse tipo de representação também é necessário para o desenvolvimento de sujeitos brancos quem precisam aprender lidar e conviver com as dissidências, não lhes atribuindo narrativas fixas, limitantes e estigmatizadas a partir de sua racialidade ou de demais marcadores sociais. No artigo em questão, não esgotamos, em nossas discussões, as opressões e preconceitos com as quais Eric Effiong lida durante a série. Os atravessamentos de raça, gênero e sexualidade desencadeiam enredos complexos e, por vezes, dolorosos de assistir. Dentro e fora do âmbito escolar, interpelações encontram o corpo dissidente e não hegemônico do personagem, todavia, a potencialidade que a representação do personagem comporta e toda força de resistência expressada pelo jovem durante a narrativa podem e devem ser levadas em consideração. Ainda que seja cruel ensinar a resistir, visto que o ensino da resistência pressagia a opressão, enquanto certas estruturas de dominação existirem, esta será uma aprendizagem necessária. A imagem negra, *gay* e afeminada de Eric pode não apenas romper com o imaginário racista que circunda nossa sociedade, como também oportunizar que semelhantes vejam possibilidades de existir e resistir, inclusive, em espaços escolares.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BALISCEI, João Paulo. **PROVOQUE**: Cultura Visual, Masculinidades e ensino de Artes Visuais. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BOLA, JJ. **Seja homem**: a masculinidade desmascarada / JJ Bola; trad. Rafael Spuldar. – Porto Alegre: Dublinense, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero, **Estudos feministas**, p.171-189, 2002.

CRUZ, Andrey Gabriel Souza da; BALISCEI, João Paulo. Ser homem negro: Representações e performances de masculinidade e negritude na série Sex Education (2019). In: 30º Encontro Anual de Iniciação Científica - EAIC, 2021, Maringá. Anais do 30º Encontro Anual de Iniciação Científica - EAIC, 2021.

CRUZ, Andrey Gabriel Souza da; BALISCEI, João Paulo. “Não é uma fantasia, este sou eu”: Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education (2019). **Revista Crítica Histórica**, Maceió, v. 11, n. 22, p. 100–130, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/11233>. Acesso em: 1 dez. 2021.

DEVUSKY, Alessandra. 1 vídeo (1:06:16) JORNADA FEMINISMOS PLURAIS - **Colorismo com Alessandra Devusky e Djamila Ribeiro**. Youtube, 10 jun. 2020. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=4_u2mRK0Rr0. Acesso em: 25 jun. 2020.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

IPEA. **Atlas da Violência 2020**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020>. Acesso em: 19 de abr. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019

LOPONTE, Luciana Gruppeli. **Pedagogia da Arte: entre lugares da criação/ [organizado por] Gilberto Icle** – Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2010, p. 149 – 163.

OLIVEIRA, Megg Rayara. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017, p. 14-40. Tese (Doutorado em Educação na Linha de Cultura, Escola e Ensino.) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2016: homicídios por armas de fogo**. Brasília: Ministério da Justiça e Cidadania, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR); Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude (SNJ); Flacso Brasil, 2016.

Recebido em outubro de 2021.

Aprovado em dezembro de 2021.